



## **Ciberativismo: um espaço alternativo de resistência dos quilombolas de Oriximiná, Pará<sup>1</sup>**

Ana Caroline Albuquerque SOARES<sup>2</sup>  
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O desenvolvimento de inúmeras tecnologias ocorrido nas últimas décadas, proporcionou a expansão dos meios de comunicação e a melhoria nos sinais de transmissão, o que facilitou, de certo modo, a comunicação como um todo, quer seja interpessoal, entre grupos e outros. É nesse contexto que a Internet se consolida como um espaço de trocas comerciais, fonte de cultura, informação, entretenimento, além de se efetivar como uma ferramenta alternativa de expressão para as minorias e de participação social. Assim, o objetivo deste estudo é apresentar e discutir como os quilombolas se apropriam da Internet como um canal alternativo de resistência e prática comunicativa. A pesquisa de campo, que compreende o *site* da Associação dos Remanescentes de Quilombos de Oriximiná – ARQMO, aponta para o fato de que as novas tecnologias possibilitam aos sujeitos vivenciarem novas formas de comunicar e novas estratégias de luta e resistência. Percebe-se ainda que, os espaços midiáticos são também territórios de batalha para grupos, movimentos e comunidades. Por fim, é possível dizer que as comunidades quilombolas de Oriximiná, conseguiram se apropriar da Internet como um espaço ativista, que possibilita a mobilização, a visibilidade da resistência e luta por direitos e cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação, Ciberativismo, Comunidades, Quilombolas, Resistência.

### **1 INTRODUÇÃO**

A comunicação é atividade primordial para qualquer grupo social. “A comunicação é sempre a busca de relação e do compartilhamento com o outro. Atravessa todas as atividades: lazer, trabalho, educação, política concerne todos os meios sociais”. No mundo globalizado em que se vive atualmente, a comunicação se

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT XIV (Comunicação, Cultura e Amazônia) do III Siscultura.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, E-mail: acaroline\_soares@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: allan30@gmail.com



revela como essencial para que os mais diversos grupos conquistem seus espaços simbólicos e suas lutas ganhem visibilidade. (WOLTON, 2006, p. 13)

O desenvolvimento de inúmeras tecnologias ocorrido nas últimas décadas, proporcionou a expansão dos meios de comunicação e a melhoria nos sinais de transmissão, o que facilita, de certo modo, a comunicação como um todo, quer seja interpessoal, entre grupos e outros. Por um lado, essa evolução das tecnologias permitiu que as trocas comerciais e econômicas se consolidassem de forma mais acelerada e com isso, a concentração da renda mundial também foi favorecida por esse movimento. Por outro lado, houve a possibilidade de mais pessoas acessarem as tecnologias de comunicação.

Assim como a evolução tecnológica favoreceu a concentração da renda mundial, a concentração dos grandes meios de comunicação também se acentuou. A mídia global, centralizada nas mãos de alguns conglomerados, é responsável pela veiculação de dois terços dos conteúdos culturais e informações disponíveis no planeta. Moraes (2013) alerta que a concentração monopólica da mídia é a negação do pluralismo, é a prevalência dos interesses empresariais sobre os interesses do conjunto social. Nas últimas décadas, na América Latina e no Brasil, esse monopólio se acentuou de modo expressivo, tanto que o autor vai além e questiona: *Quem são os donos da mídia?*

A partir dos dados e estudos de alguns autores, existe a possibilidade de responder a indagação acima, inclusive Becerra e Mastrini (2009) auxiliam, nessa tentativa, com informações relevantes sobre os maiores conglomerados de mídia latino-americanos, onde os quatro maiores são: Globo do Brasil; Televisa do México; Cisneros da Venezuela; e Clarín da Argentina; - juntos, esses grupos detêm 60% do faturamento total dos mercados latino-americanos. “Para se ter uma ideia dos níveis recordes de concentração, basta saber que [...] a Globo responde por 16,2% da mídia impressa, 54% da TV aberta e 44% da TV paga[...]”.

Moraes (2013) também pondera que “essa vocação expansiva se consolida sob controle, influência e lucratividade de poucas corporações, via de regra globais, ou nacionais e regionais em alianças estratégicas ou parcerias com gigantes transnacionais”. No Brasil, de acordo com dados do projeto *Os Donos da Mídia*, o



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



mercado televisivo é dominado por seis redes privadas (Globo, SBT, Band, Record, Rede TV e CNT), ou seja, além de deter 92% da audiência televisiva nacional, esses grupos monopolizam as verbas publicitárias e patrocínios.

Essa concentração monopólica midiática, conforme Moraes (2013), privilegia as estratégias de maximização dos lucros e a manutenção de ideias hegemônicas mercadológicas e reduz a formação educacional e cultural do público, não estimula o interesse por temas como sentimentos de pertença, resistência cultural e valores identitários nacionais, regionais ou locais e não oferece interpretações ou compreensões plurais a respeito de fatos sociais, assim como se observa um despreço pelos movimentos comunitários e sociais.

Os meios de comunicação monopolizados, segundo Tambelli (2014), defendem os mesmos pontos de vista e ideias sobre economia, política, cultura, sociedade e outros. Esse monopólio da mídia favorece o alinhamento ideológico dos veículos, ou seja, os enquadramentos, abordagens, coberturas ou posicionamentos apresentam, em sua maioria, a mesma solução para os assuntos de interesse público. Não se afirma aqui que não existam vozes dissonantes nesses veículos, mas são em número reduzido e de pouco alcance na sociedade.

Alguns autores caracterizam esse período de evolução tecnológica e de uso de novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, como “Era da Informação”, “Revolução da Informação” ou, conforme Castells, *Sociedade Informacional*. É nesse contexto que a Internet se consolida como um espaço de trocas comerciais, fonte de cultura, informação, entretenimento, além de se efetivar como uma ferramenta alternativa de expressão para as minorias e de participação social. Pierre Lévy (1999) chama esse *espaço de ação* da sociedade, por meio das TICs, de Ciberespaço.

Inúmeros setores da sociedade passaram a utilizar as TICs para dar visibilidade às suas lutas, para a mobilização e enfretamento social, político e econômico. Essa forma alternativa de ativismo que tem como espaço de atuação a Internet, é chamada de Ciberativismo. Aqui concorda-se com Moraes (2007, p. 1) “trata-se de conceber a internet como mais uma arena de lutas e conflitos pela hegemonia, de batalhas



permanentes pela conquista do consenso social e da liderança cultural ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras”.

Dentre os diversos grupos que passaram a utilizar as TICs como espaço de militância, inclui-se os quilombolas, e por esse motivo, neste trabalho resolveu-se abordar a militância digital nas comunidades de quilombo de Oriximiná, Pará. Com o título: *Ciberativismo: um espaço alternativo de resistência dos negros de Oriximiná, PA*, o objetivo deste estudo é apresentar e discutir como os quilombolas se apropriam da Internet como um canal alternativo de resistência e prática comunicativa. Nesse caso, o objeto de estudo é o *site* <[www.kuilombo.org.br](http://www.kuilombo.org.br)> da Associação dos Remanescentes de Quilombo de Oriximiná – ARQMO.

## **2 Luta, Resistência e Ciberativismo nas comunidades quilombolas de Oriximiná, Pará**

Os negros quilombolas de Oriximiná, desde o século XIX, enfrentam lutas. Num primeiro momento, os negros lutavam pela liberdade e fugiam das propriedades e fazendas de cacau de Belém, Santarém, Alenquer e Óbidos e se abrigavam as margens do Rio Trombetas e seus afluentes. Num segundo momento, depois de viverem um longo período usufruindo da terra como um bem coletivo, as comunidades quilombolas tiveram que enfrentar novas lutas, agora pela garantia e titulação de seus territórios, liberdade social e igualdade econômica. (ACEVEDO & CASTRO; ANDRADE, 2011)

A partir de 1970 e nas décadas seguintes, esses encontros se tornaram mais intensos com a implantação de políticas desenvolvimentistas, econômicas e ambientais. O Projeto Trombetas<sup>4</sup>, a criação da Reserva Biológica do Trombetas e da Floresta Nacional Saracá-Taquera tornou inviável a reprodução do modo de vida das comunidades quilombolas dessa região e representou a expropriação do seu território. (ARCHANJO, 2015)

Os negros foram expulsos de suas terras e viram a fauna e flora serem devastados por expropriadores, fato que deixou os quilombolas vulneráveis a

---

<sup>4</sup> Projeto, do período da ditadura civil-militar de 1964, que visava intensificar a exploração mineral, pois se entendia que a Amazônia era uma fonte de riqueza e seu desenvolvimento dar-se-ia pela exploração desses minérios, como a bauxita. (ARCHANJO, 2015)



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



exploração da força de trabalho por fazendeiros e mineradoras, como a Mineração Rio do Norte. Essas comunidades enfrentaram de forma conflituosa essa situação, e para Funes (2003, p. 227), “se num primeiro momento o enfrentamento visava construir a liberdade, rompendo com a escravidão, hoje a luta se coloca no sentido de libertar a terra para continuarem a ser livres e terem assegurado o direito à cidadania”.

As comunidades negras resistiram e conseguiram algumas vitórias, como a criação da ARQMO, o reconhecimento e titulação definitiva da primeira comunidade quilombola do Brasil, comunidade de Boa Vista, em 1995, e nos anos seguintes outros territórios foram titulados. Segundo Archanjo (2015), a década de 80 é marcada pela organização, resistência e luta, já a década de 90 pelas primeiras conquistas e o fortalecimento da ARQMO para novos enfrentamentos sociais e políticos.

Num terceiro momento, nas décadas mais recente, a luta dos negros continua. Atualmente, em Oriximiná, os quilombolas estão distribuídos em 37 comunidades nas margens dos Rios Trombetas, Erepecurú, Acapu e Cuminã. São aproximadamente 1200 famílias, cerca de 10 mil quilombolas que vivem em nove territórios étnicos. Segundo a CPI-SP (2011), 15 territórios quilombolas aguardam a titulação de seus territórios, ou seja, as comunidades quilombolas resistem para não ter suas terras expropriadas.

No Brasil, as comunidades negras têm suas histórias vinculadas à terra e nesse caso, a terra, que para outras culturas pode ter apenas valor financeiro, para os negros quilombolas tem uma importância incalculável, pois é o espaço onde sua cultura se desenvolve. Pode-se dizer, que não é apenas uma disputa por um espaço de moradia, por território, é uma luta para manter viva sua cultura, suas lembranças, sua história. Para Almeida (2011), as lutas territoriais, são também lutas culturais e estas são inseparáveis das lutas econômicas.

Na atualidade, essa luta [*cultural*] é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. (HALL, 2003, p. 255)



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Os quilombolas de Oriximiná têm defendido seus direitos intensamente para não ver seus territórios expropriados pelo Estado e pelo grande capital, mesmo que esta seja uma luta desigual, os negros lutam, diariamente, para não perder suas moradias, seus espaços de lazer e trabalho, suas lembranças, lutam para garantir e assegurar a sobrevivência de sua cultura. Nesse processo de luta e resistência a ARQMO tem um papel significativo, pois foi fundada para representar os quilombolas e atuar com voz ativa junto as instâncias governamentais.

A ARQMO, como pondera de Sader (1988, p. 55), pode ser considerada como sujeito histórico, como “coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades”. Inicialmente, a ARQMO foi assessorada por membros da Igreja Católica, da Paróquia de Santo Antônio de Oriximiná, pelo Centro de Estudos e Defesa dos Negros do Pará (CEDENPA), e posteriormente, pela Comissão Pró-Índio de São Paulo<sup>5</sup>, parceria que permanece até os dias atuais. (ANDRADE, 2011)

De certo modo, em contato com essas parcerias e “sob a pressão da vida social o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo”, e de alguma forma, foi isso que aconteceu com os quilombolas de Oriximiná, os líderes e os comunitários adaptaram seus modos de comunicar ou se apropriaram de informações, novas práticas, novos meios, para tornar eficiente a comunicação do grupo, dar visibilidade aos enfrentamentos e mobilizar apoios. (CARNEIRO apud BELTRÃO, 2001, p. 78)

Mesmo que a ARQMO represente a voz dos quilombolas juntos as esferas governamentais e instituições, mesmo com a presença de líderes comunitários, o processo comunicacional nesse grupo acontece de forma cíclica, onde tanto as lideranças quanto os demais comunitários participam ativamente do fluxo comunicativo. É importante ressaltar que nessas comunidades, os saberes, os fazeres, os modos, as

---

<sup>5</sup> A Comissão Pró-Índio de São Paulo é uma organização não governamental fundada em 1978 que atua junto com índios e quilombolas para garantir seus direitos territoriais, culturais e políticos, procurando contribuir com o fortalecimento da democracia, o reconhecimento dos direitos das minorias étnicas e o combate à discriminação racial. (CPI/SP – 2011)



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



manifestações religiosas e culturais são repassadas pelos membros mais antigos, de geração a geração, por meio da oralidade, ou seja, a comunicação se caracteriza como popular.

Essas comunidades quilombolas buscam constantemente estratégias e mecanismos de resistência e luta para manter seus direitos, quer seja por meio de manifestações culturais e religiosas, quer pelo enfrentamento social e político, como protestos de rua, cartas, denúncias, manifestos, debates, congressos e também a militância abrange as mídias digitais. O acesso das lideranças e comunitários às tecnologias digitais ou de informação e comunicação possibilitou que a ARQMO, assessorada pela CPI -SP, se apropriasse dessas TICs como uma via de resistência, luta e mobilização em defesa de seus direitos.

A internet, conforme ressalta Peruzzo (2008), impulsiona os processos comunicacionais. A comunicação mediada por novas tecnologias, ganha novas possibilidades, novos formatos, novas feições e um novo ânimo. Foi o que ocorreu na região amazônica, os movimentos sociais e ativistas passaram a utilizar a rede mundial de computadores para defender suas causas e nesse caso, “trata-se de conceber a internet como uma arena de lutas e conflitos pela hegemonia, de batalhas permanentes pela conquista do consenso social e da liderança cultural ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras”. (MORAES, 2007, p. 1)

Na Amazônia é crescente o número de ativistas e movimentos sociais que têm se apropriado do ciberespaço para a militância. O ciberativismo é o resultado, individual ou coletivo, de um descontentamento ou necessidade de expressão, com a intenção de dar visibilidade a uma “causa”. O ativismo digital pode ser desde uma denúncia ambiental, uma crítica contra casos de corrupção, defesa dos povos tradicionais, expressão étnica ou sociocultural e outros. Milhomens (2009) acredita que o ciberativismo na Amazônia traz diversos pontos de vistas e vozes endógenas, oriundas do interior da floresta.

Pontos de vista esses que vão desde a luta pela preservação do meio ambiente e seus recursos naturais, passando pela defesa e resistência dos indígenas e povos tradicionais que lutam para sobreviver sem a



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



perda de valores e culturas, dos direitos humanos em todos os seus níveis (do direito à vida, alimentação, saúde, educação, etc.), contra a corrupção política, pela luta contra as corporações e governos e seus “grandes projetos” para a Amazônia e até mesmo pela introdução de uma política de cultura e softwares livres em contrapartida às grandes empresas de tecnologia e sua padronização comercial.

Convém aqui ressaltar que o ciberativismo praticado na Amazônia, em termos de infraestrutura e políticas públicas de inclusão digital, não pode ser comparado com a atividade realizada em outras regiões do país. Não se trata aqui da atuação dos militantes, mas da tardia política de inclusão digital e da ineficiente infraestrutura telecomunicacional dessa região, ou seja, a “banda larga ainda não chegou de fato na Amazônia”. E para que se possa fazer downloads, uploads, compartilhar arquivos e acessar vídeos on-line e outros, o ideal é que a navegação seja de alta velocidade, mas para que se tenha essa conexão veloz, a infraestrutura de telecomunicação precisa ser considerável e eficiente. (MILHOMENS, 2015)

Historicamente, o Norte do país é a região que menos possui cobertura de telecomunicações, leia-se serviço de telefonia fixa, celular, fibra óptica e acesso a internet. A deficiência deve-se ao fato de a ideia de alto custo tecnológico de investimento para a consolidação do setor na região. (MILHOMENS, 2015, p. 82)

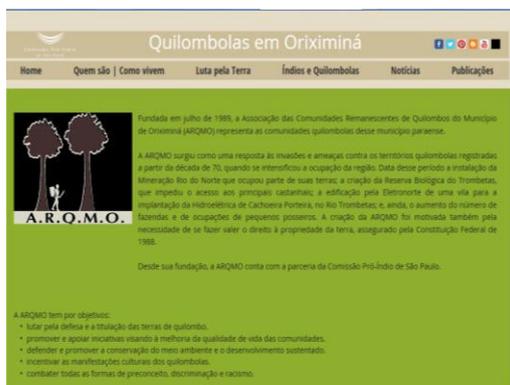
Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, na Região Norte até 2008 somente 20% da população tinha acesso a internet. De certo modo, isso gera algumas consequências para a inserção e frequência de participação das pessoas em sites, blogs, redes sociais e outros. Apesar de todos os problemas mencionadas e das parcas políticas públicas para a inclusão digital da Região, os movimentos sociais e ativistas do Norte estão usando cada vez mais as TICs para defender seus interesses.

Nas comunidades quilombolas de Oriximiná, a partir do contato com esses novos formatos, se percebeu uma alternativa de comunicação, já que este grupo não tem o mesmo espaço que outros grupos na mídia convencional, ou seja, percebeu-se que temas controversos que antes não tinham espaços nos meios tradicionais, a partir da

utilização dessas mídias digitais podiam/podem ser publicados de forma articuladora e a partir dos pontos de vista dos próprios atores.

A ARQMO mantém um *site* <[www.quilombo.org.br](http://www.quilombo.org.br)>, um perfil no *Facebook*, um canal no *YouTube* e grupos no *Whatsapp*. Neste trabalho nos interessa como objeto de estudo o *site*, onde se conta a trajetória dos quilombos de Oriximiná e onde é possível conhecer e acompanhar as suas lutas territoriais e culturais. O *site* foi criado pela ARQMO, com a assessoria da CPI- SP, tanto que a maioria textos e artigos são produzidos por membros dessa organização parceira, a qual juntamente com os quilombolas faz a manutenção e atualização da página digital.

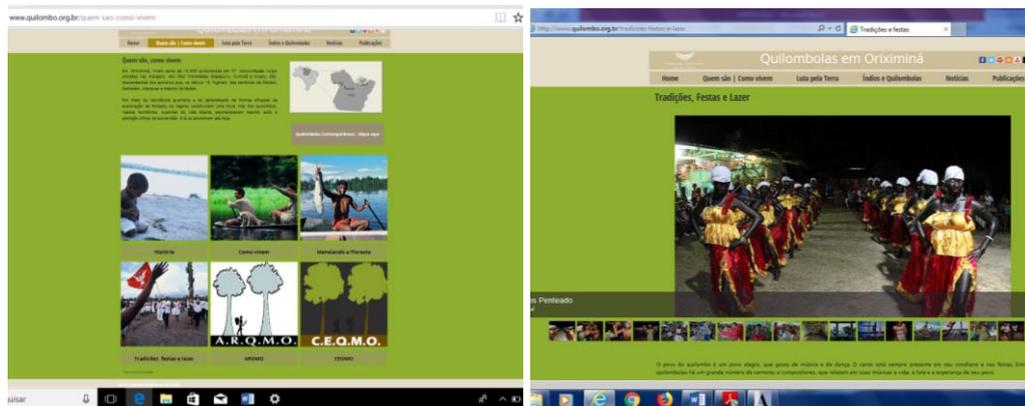
O *site* se tornou a voz da ARQMO e é um canal usado pelas lideranças para divulgar, para os comunitários e para outros públicos, o processo de resistência e luta dessas comunidades. Na secção *Home*, é apresentada a história de fundação da ARQMO, bem como os objetivos da Associação, o Estatuto, a equipe de coordenação, os contatos, e artigos sobre temas importantes para os encontros sociais e políticos.



Fonte: Print Screen do *site* da ARQMO, secção *Home* < [www.quilombola.org.br/argmo](http://www.quilombola.org.br/argmo)>

Já na secção *Quem São/Como Vivem*, se encontra a história dos quilombolas, aspectos do cotidiano, informações sobre os projetos de manejos, cooperativas, e sobre as festas, tradições e lazer. Existe ainda a secção *Luta pela Terra*, onde é possível acompanhar os processos de titulação dos territórios, os encontros com relação a exploração mineral e a implantação de hidrelétricas em áreas quilombolas e as secções *Índios* e *Quilombolas*, onde é tratada a aliança com os indígenas da região em defesa

dos territórios, *Notícias*, onde se encontra publicações sobre eventos e temas de interesse dos quilombolas e *Publicações*, traz artigos acadêmicos, relatórios e resultado de estudos sobre comunidades de quilombo no país.



Fonte: Print Screen do *site* da ARQMO, secção *Quem São/Como Vivem*  
<[www.quilombola.org.br/arqmo](http://www.quilombola.org.br/arqmo)>

O *site* pode ser considerado um canal contra-hegemônico e alternativo de comunicação, pois nele se publica temas e pautas que não teriam espaço e nem vez nos grandes veículos de comunicação, como a o rádio e a TV. De acordo com Downing (2002, p. 25), “as formas alternativas de mídias são tendências mais avançadas da cultura popular, pressupondo portanto, um público que elabora, ele próprio seus produtos em lugar de apenas absorver passivamente as mensagens disseminadas pela grande mídia”.

De acordo com Downing (2002), mídias alternativas, como o *site* da ARQMO, na maioria das vezes, têm vida curta, dispõem de poucos recursos e rompem regras ao expressar a voz das minorias em oposição ao poder dominante. Existe nesse tipo de comunicação alternativa uma tendência a ser mais democráticas do que os *mass media*, é nesses espaços que as vozes discordantes ganham ressonância, nesses canais de ativismo digital, como o *site* da ARQMO, “o subalterno pode falar”, como expressa Spivak (2014, p. 64)

De modo geral, se no passado os antepassados dos quilombolas lutavam por liberdade, atualmente essas comunidades lutam para não perder suas conquistas, seus



espaços de moradia, de lazer, de religiosidade, lutam pela permanência em seus territórios, pela reprodução de cultura e se utilizam tanto da Oralidade quanto de outros canais comunicativos, como as mídias digitais, para o ativismo, o enfrentamento social e cultural. Desse modo, é possível dizer que as comunidades quilombolas de Oriximiná, conseguiram se apropriar da Internet como um espaço ativista, que possibilita a mobilização, a visibilidade da resistência e luta por direitos e cidadania.

### **3 Considerações finais**

Nas últimas décadas, o ciberespaço se tornou um espaço alternativo de comunicação e articulação dos movimentos sociais e da sociedade em geral. Por seu alcance e por sua possibilidade de comunicação econômica e veloz, a Internet se tornou em um meio fundamental e eficaz para ampliar e fortalecer as estratégias de resistência e luta dos grupos sociais.

Conforme as orientações de Machado (2003), é importante atentar que ao adentrar a rede mundial de computadores qualquer cidadão pode assumir, ao mesmo tempo, uma multiplicidade de papéis – militante, editor, consumidor, transmissor de conteúdo e outros. De certo modo, os quilombolas de Oriximiná ao se apropriarem das mídias digitais, assumem o papel de ativistas digitais/sociais, superando, até certo ponto, limitações econômicas, geográficas e de infraestrutura telecomunicacional.

Em suma, a Internet é um espaço público que possibilita, sem a interferência direta de governos e corporações, novos caminhos para o enfrentamento político, social e econômico. De certo modo, as comunidades quilombolas de Oriximiná, assessoradas pela CPI, conseguiram perceber que os espaços midiáticos são também territórios de batalha para grupos, movimentos e comunidades que estão empenhados há muito tempo em conquistar a liberdade em sua plenitude, especialmente no que diz respeito à permanência em terras ancestrais e de usufruto coletivo.



## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas: Guardiões dos matos e rios**. Belém: NAEA/UFPA, 1998.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. “Terras de preto, Terras de Santo, Terras de índio – Uso comum e conflito”. In: Castro, E. e Hebette, J. (orgs). Cadernos do NAEA, nº10, 1989.
- ANDRADE, Lúcia M. **Os Quilombos da Bacia do Rio Trombetas**. CPI – SP, São Paulo: 2011.
- ARCHANJO, Elaine Cristina O. F. **Oriximiná Terra de Negros: Trabalho, Cultura e Luta de Quilombolas de Boa Vista (1980-2013)**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM. 2015.
- BECERRA, Martín; MASTRINI, Guillermo. **Los dueños de la palabra: acceso, estructura y concentración de los medios en la América Latina del siglo XXI**. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
- BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. II: O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo, Senac, 2002.
- FUNES, A. Eurípedes. **Nasci nas Matas, nunca tive senhor**. História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Tese (doutorado em História) da FFLCH/USP, São Paulo, 1995.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Lovi Sovík. Trad. Adelaide La Guardia *et al.*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999
- MACHADO, Jorge. **Internet, Ativismo Político e Controles Governamentais**. XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Campinas, Brasil, 1 a 5 de setembro de 2003.
- MILHOMENS, Lucas. “Movimentos Sociais na Amazônia e Ativismo Digital”. In: Milhomens, Lucas; ESTÁCIO, Marcos André F.; Barroso, Milena F. (Orgs). **Amazônia Mosaico de Reflexões Interdisciplinares**. Manaus: Editora Valer, UEA Edições, 2015.
- MORAES, Dênis. **Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. EPTI, vol. IX, n. 2, mayo – ago. / 2007.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



\_\_\_\_\_. **Por que a concentração monopólica da mídia é a negação do pluralismo.** 2013.<<https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/17/por-que-a-concentracao-monopolica-da-midia-e-a-negacao-do-pluralismo/>> Acesso 01/10/2018.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** Natal: CD-Rom dos Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: EDUEFMG, 2014.

TAMBELLI, Alexandre. **Os meios de comunicação hegemônicos do Brasil e a notícia.** In: GGN – Jornais de Todos os Brasis, 2014.

**TERRAS QUILOMBOLAS EM ORIXIMINÁ:** pressões e ameaças. Comissão Pró-Índio de São Paulo - 1ª Edição, São Paulo, 2011.

WOLTON, D. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.